



O AUXÍLIO DA FONÉTICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Ana Beatriz Miranda Jorge – UFCG/ beatrizjmiranda@gmail.com

Bruna Melo do Nascimento – UEPB/ bruna.melo.nascimento@gmail.com

Isabelle Coutinho Ramos Benício – UEPB/ isiecrb49@gmail.com

Nathália de Sá Tavares – UEPB/ nathalia.sa.tavares@gmail.com

RESUMO: Um dos desafios mais recorrentes enfrentados por professores de língua estrangeira é superar a dificuldade que muitos alunos sentem ao tentar produzir algo oralmente do novo idioma. Comparando-se o acervo fonético do português brasileiro com o da língua inglesa, percebemos a presença de alguns fonemas neste último inexistentes em nossa língua materna, que causam problemas no processo de aprendizagem dos alunos. Uma das consequências é que estes aprendizes tendem a aproximar ao máximo os fonemas do inglês daqueles encontrados no português, o que pode causar mal-entendidos. Nos últimos anos o ensino nas diversas salas de aula de língua inglesa vem voltando-se não necessariamente ao objetivo de o aluno falar um inglês “perfeito”, tal qual um falante nativo, e sim fazer-se entender no novo idioma. Ou seja, o desafio para os professores agora é identificar quais aspectos fonológicos contribuem ou atrapalham na comunicação, destacá-los para seus alunos e então buscar meios pelos quais os aprendizes possam sobrepujar quaisquer problemas que atrapalhem seus processos comunicativos. Em Campina Grande, nos últimos anos, pudemos perceber o surgimento de muitas escolas de idiomas, que têm como maior foco o ensino de língua inglesa. Sendo assim, a pesquisa de caráter exploratório será centrada em três diferentes centros de aprendizagem, objetivando descobrir como eles vêm lidando com o desenvolvimento da oralidade dos alunos, especificamente no que se refere à pronúncia. Serão assistidas aulas de nível intermediário e avançado, com o intuito de esclarecer os questionamentos levantados na problematização da pesquisa. O embasamento teórico do presente trabalho será fundamentado em autores como Lima (2009), Steinberg (1986), dentre outros.



PALAVRAS-CHAVE: Fonética. Língua Inglesa. Produção oral.

1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios enfrentados pelos professores de língua estrangeira é a dificuldade enfrentada pelos alunos na compreensão e produção oral. Isto porque muitos desses estudantes acreditam não ser capazes de pronunciar bem as palavras do novo idioma, o que acaba por desestimulá-los.

Ao comparar o acervo fonético do português brasileiro com aquele da língua inglesa, percebemos a presença de alguns fonemas neste último inexistentes em nossa língua materna. São estes que normalmente causam maior confusão em sala de aula e no processo de aprendizagem dos alunos, que tendem a aproximar ao máximo os fonemas do inglês daqueles encontrados no português.

Num processo de aprendizagem de língua estrangeira, é natural que o aluno tenda a transferir para o “novo” idioma particularidades de sua língua materna. Isso ocorre não apenas com relação aos aspectos fonológicos, mas também com respeito à sintaxe, à morfologia e até mesmo ao uso de itens lexicais. A tendência dos alunos a transferir para a língua inglesa os traços fonológicos do português não constitui novidade. (LIMA, 2009, p. 54)

Ao mesmo tempo, existe outro desafio: o fato de que não existe apenas um inglês. São várias as variantes dos falantes nativos e, além disso, este se tornou um idioma global, uma língua franca, o que faz surgir ainda mais variações. Diante de toda essa diversidade, é normal que o estudante de língua inglesa sinta-se confuso, e mesmo o próprio professor, ao procurar o padrão “certo” a ser ensinado.

A tendência atual de ensino vem voltando-se não necessariamente ao objetivo de o aluno falar um inglês “perfeito”, tal qual um falante nativo, e sim fazer-se entender no novo idioma. Ou seja, é preciso identificar quais aspectos fonológicos contribuem ou atrapalham na comunicação, ao menos de início.

Em Campina Grande, nos últimos anos, pudemos perceber o surgimento de muitas escolas de idiomas, tendo elas como maior foco o ensino de língua inglesa. Sabendo-se disso, nossa pesquisa será centrada em como esses novos centros de



aprendizagem vêm lidando com o desenvolvimento da oralidade dos alunos, especificamente no que se refere à pronúncia.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Levando-se em consideração a necessidade dos alunos de língua inglesa em desenvolver suas habilidades orais, como vem sendo abordada a questão da pronúncia nas salas de aula de cursos de inglês em Campina Grande? Os aspectos fonológicos têm recebido o destaque devido? A forma com que são ensinados torna o aluno capaz de fazer-se entender por outros falantes, em ambientes diversos de comunicação?

3. JUSTIFICATIVA

A pesquisa é fruto da observação do desempenho de estudantes de língua inglesa em sala de aula em momentos de interação entre si e com o professor utilizando a língua estrangeira. É perceptível o fato de que os alunos sentem dificuldades em pronunciar certos fonemas pertencentes ao acervo fonético da língua inglesa, visto que alguns destes possuem pouca ou nenhuma semelhança com os da língua portuguesa. Uma pesquisa como esta pode vir a colaborar com o ensino da pronúncia nos diversos ambientes de ensino, e auxiliar os professores a tornar seus educandos capazes de se comunicar através da língua inglesa de forma bem sucedida, seja com pessoas que têm o Inglês como língua materna ou como língua franca.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Investigar o ensino de fonética da língua inglesa nas salas de aula dos cursos de idiomas de Campina Grande.



4.2 Objetivos específicos

- Descobrir as formas de abordagem utilizadas pelos professores das escolas selecionadas para trabalhar a pronúncia dos alunos.
- Investigar se os aspectos fonológicos têm recebido destaque suficiente ao longo das aulas.
- Analisar se o ensino de pronúncia têm sido eficaz para os alunos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos a necessidade de produção e compreensão oral da língua inglesa vem crescendo consideravelmente. Vários são os fatores que contribuem para isto, dentre os quais a globalização, o poder econômico dos países cuja população é falante nativa do idioma, e ainda a “cultura pop” sendo difundida mundialmente. Mas sejam quais forem os motivos apresentados, o fato é que a busca por um curso de inglês vem aumentando, inclusive em Campina Grande.

Muitos destes que iniciam os estudos sobre essa língua deparam-se com uma série de obstáculos. São várias palavras novas, estruturas gramaticais diferentes e, além disso, novos fonemas. Tempos atrás o objetivo principal era ter um sotaque nativo “perfeito” ao comunicar-se; agora, porém, a realidade é outra.

Somam-se pelo mundo afora outros falantes de inglês nativos das mais diversas línguas. Devido à expansão e domínio desse idioma, finalmente, chegou-se à conclusão de que não há um sotaque nativo de referência para todos aqueles que estudam e ensinam o inglês (...). Resultado da impossibilidade de eleger o modelo a seguir; de defender o inglês “mais correto”. (LIMA, 2009, p. 71)

Não existe um inglês “certo” e outros “errados”; existem diversas variações, que podem servir como referência tanto para o professor quanto para o aluno. Porém, ao mesmo tempo, existem sim alguns padrões que precisam ser observados. Caso contrário, o aprendiz se afastará demais de uma pronúncia adequada, o que o tornará incapaz de comunicar-se com outros falantes, sejam



estes estrangeiros ou nativos. Com isso, resta saber o que precisa realmente ser mais trabalhado ou corrigido em sala de aula.

Um professor bem preparado saberá identificar aquelas palavras que causam estranhamento ou até incompreensão em outros falantes se pronunciadas com vogais, consoantes ou mesmo com uma tonicidade diferente. Quando um caso desses ocorre em meio à fala do aluno, é o momento em que a correção do professor é necessária.

5.1 Elementos que necessitam de correção e atenção

Mas quais seriam, exatamente, os segmentos (vocálicos e consonantais) que precisariam receber maior atenção em sala de aula?

De modo geral, os estudiosos na área apontam os elementos vocálicos como os vilões dos equívocos de pronúncia cometidos pelos aprendizes de inglês. Isso porque as vogais não possuem ponto de articulação de referência. Logo, no momento em que o posicionamento dos lábios não se mostrar mais eficiente para a distinção entre vogais como /i/ e /I/, por exemplo, o único recurso de percepção que nos resta é a audição. Daí ser tão importante observar o ambiente em que duas palavras, cuja diferença entre elas seja um único fonema, possam ocorrer, e somente a perfeita distinção entre esses dois sons determinará o verdadeiro sentido da frase. (LIMA, 2009, p. 73-74)

Ao escutarmos um falante de língua estrangeira, temos a tendência de pensar que os sons desta são iguais aos da nossa estando, porém distorcidos. A verdade é que estamos lidando com sistemas sonoros distintos, que podem, ou não, ter sons bastante parecidos. Quando um aprendiz não-nativo da língua inglesa tenta reproduzir um fonema que apesar de semelhante a um dos pertencentes a sua língua nativa, mas não possui conhecimento das diferenças do novo sistema sonoro que está tentando reproduzir, o aprendiz pode muitas vezes não conseguir se comunicar satisfatoriamente, por seu interlocutor não conseguir entendê-lo ou, não entender aquilo que o falante tinha como pretendido.

É o caso, por exemplo, do fonema / / da palavra 'think'. É um fonema fricativo dental surdo. Numa primeira tentativa nossa poderá ser reproduzido como /s/, cujo ponto de articulação é próximo, pois se trata também de uma fricativa, sibilante, alveolodental surda. O resultado é a palavra 'sink', de significado bem diferente de 'think'. (STEINBERG, 1986, p.10)



Esclarecer como o som é produzido, como os órgãos da fala se posicionam é muito útil, principalmente porque através desses mecanismos é possível distinguir entre pontos de articulação, que em alguns fonemas se aproximam muito um do outro.

5.2 Aspectos para reflexão

Visto que a língua inglesa tornou-se uma língua global, o ensino de pronúncia deve estar voltado também ao uso do inglês como língua franca. Ou seja, as habilidades de pronúncia devem ser apropriadas para um uso internacional. Pode-se dizer que o mais importante aspecto do ensino de fonética é a inteligibilidade fonológica. Portanto, os professores devem estar preparados para corrigir quando necessário, porém evitar correções desnecessárias. Conforme lemos em Lima (2009), “o professor não deve ter medo de corrigir, pois há sim o que corrigir na pronúncia dos nossos alunos. A questão é o quê e em que medida”.

Atualmente falar inglês com sotaque estrangeiro é bem visto pelos estudiosos; é uma maneira de manter-se a identidade cultural do indivíduo. Os docentes precisam deixar isso claro em uma aula de idioma para todos os aprendizes, demonstrar que é possível, sim, ser bem entendido mesmo que não se atinja o sotaque nativo de alguma das diversas variações do inglês. Porém, se é desejo do aluno aproximar-se ao máximo desse sotaque, ele deve sim ser auxiliado em seus esforços.

6. METODOLOGIA

A pesquisa de caráter exploratório será realizada em três diferentes escolas de idiomas de Campina Grande, a fim de observar o desempenho dos professores e seus respectivos alunos em sala de aula no que se refere ao ensino e na aprendizagem de pronúncia. Inicialmente será realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema abordado. Em seguida, serão assistidas aulas de nível iniciante e intermediário com o intuito de esclarecer os questionamentos levantados anteriormente, na problematização da pesquisa.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

7. CRONOGRAMA

Etapas	Junho 2014	Julho 2014	Agosto 2014	Setembro 2014
Elaboração do Projeto de pesquisa	X			
Revisão dos instrumentos da pesquisa		X		
Coleta de dados		X	X	
Elaboração dos dados				X
Elaboração do artigo				X

8. REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KELLY, Gerald. **How to teach pronunciation**. 1ª ed. Londres: Longman, 2000.

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas** / - São Paulo: Parábola Editorial, 2009



STEINBERG, Martha. **Pronúncia do Inglês: Norte-americano**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.
